

Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 24, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 2

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre arqueologia bíblica. Esta é a sessão 24, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 2.

OK. Tenho aqui neste PowerPoint uma excelente foto aérea do local de Khirbet Qumran depois de ter sido escavado e parcialmente restaurado. E vamos apenas olhar para isso e dizer algumas palavras. Esta é, novamente, a estrada, a estrada moderna que desce ao longo da costa ocidental do Mar Morto e da escarpa até o Vale do Acre acima do local.

E então o Wadi Qumran desce nesta direção aqui através deste wadi e sai. E foi aqui que, mais uma vez, os essênios ou a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto construíram barragens para captar a água e depois levá-la através de um aqueduto para as várias cisternas no local. E, claro, esses foram usados.

Há um longo muro aqui que foi escavado, e não tenho certeza se eles algum dia determinaram o motivo disso. Novamente, ao sul fica o local de Ein Feshkha, que é uma fonte, e havia outras atividades e estruturas lá ao mesmo tempo. Observe, também, que este canto do complexo é uma torre, e minha opinião é que esta torre, devido à sua forma e estilo, pode não ter sido necessariamente construída durante o período do Segundo Templo, ou melhor, pelos Essênios ou pelos Manuscritos do Mar Morto. comunidade, mas pode na verdade ser mais antigo e datar do período do Antigo Testamento.

Aqui está um desenho artístico ou uma reconstrução do local. Mais uma vez, a torre e os vários edifícios e salas do local foram utilizados como comunidade religiosa durante o século I AC e o século I DC. Novamente, olhando para o sul novamente, você pode ver a planície do Mar Morto aqui e a costa do Mar Morto.

Mais uma vez, na antiguidade, mesmo nos tempos modernos, o Mar Morto estaria muito mais próximo, mas devido à redução contínua do nível da água do Mar Morto, ele continua a diminuir. Novamente, estas são salas individuais e foram interpretadas de várias maneiras pelos escavadores e, conseqüentemente, por aqueles que estudaram o local. Aqui está um dos canais de água, novamente, trazendo água da água capturada atrás das represas abaixo da escarpa aqui para os vários reservatórios, piscinas e mikveot, um dos quais está aqui.

Você pode ver as escadas descendo, e essas, claro, são banhos rituais ou batismos que a comunidade usava para se purificar ritualmente. Outra foto aqui de um micvê e você pode ver um pouco do gesso que sobreviveu nas paredes. Agora, tem havido muita discussão e debate sobre como identificar o site.

Tem sido debatido se ele se adequará a vários usos e, portanto, diferentes estudiosos acreditam nisso de maneiras diferentes. A primeira pergunta é: Khirbet Qumran está relacionado ou ligado aos pergaminhos encontrados nas cavernas próximas? Isso também foi debatido. Na verdade, um estudioso israelense argumentou que a comunidade essênia, mencionada por um historiador romano, na verdade não vivia em Qumran, mas sim ao sul, em Engedi, porque a fonte romana diz que a comunidade vivia acima de Engedi.

Ele interpretou isso como uma elevação e não na direção norte, mas isso não foi amplamente aceito. Acredito que há muitas conexões entre este local e as cavernas para descartá-las, não deixando nenhuma conexão com as cavernas e os pergaminhos. Acredito que os dois estão muito, muito bem conectados.

Eles estavam ocupados ao mesmo tempo. Muitos dos manuscritos enterrados nas cavernas são adjacentes à comunidade de Qumran ou Kirbe. Os potes de cerâmica recuperados nas cavernas correspondem novamente aos potes de cerâmica encontrados em Qumran.

Talvez não sejam evidências tão fortes, mas há evidências de atividade de escribas, produção de cerâmica e vida comunitária em Qumran, especialmente, penso eu, tão importantes quanto aen mikveot ou os banhos rituais. Houve tinteiros, que veremos em um slide futuro, mas anteriormente, os estudiosos sugeriram que haviam encontrado mesas e cadeiras, e elas não parecem combinar com o uso para escrever ou transcrever textos. Plínio, o Velho, menciona novamente que a comunidade essênia vivia ao longo da costa do Mar Morto.

Isto é novamente o que um estudioso israelense identificou como acima de Qumran, em pequenas celas ou cavernas, e não em Qumran. Finalmente, a literatura sectária entre os pergaminhos geralmente se ajusta ao que sabemos sobre os essênios, portanto, vincular esse historiador romano e sua declaração à comunidade de Qumran parece ser uma boa opção. Outros estudiosos sugeriram que Qumran era uma espécie de vila de elite, e você tem aqui algumas evidências de algumas belas bases de colunas que realmente parecem deslocadas em uma comunidade estética monástica, mas mesmo assim, lá estão elas.

Na verdade, esses dois trabalharam no relatório final das escavações por um tempo antes de serem substituídos ou deixarem o trabalho, mas há algumas evidências de móveis de elite e novamente de arquitetura como essas bases de colunas. Então isso

também é uma consideração, embora eu também não ache que muitas pessoas apoiem isso. Qumran é uma fortaleza ou caravancharai.

Isto é proposto pelo estudioso da Universidade de Chicago, Norman Golbe, e novamente, você tem esta torre aqui, e ela é novamente reconstruída com o Glacis. O resto do assentamento não parece ter sido construído para fins defensivos. Agora, alguém poderia olhar para aquela torre e dizer que era algum tipo de reduto, fortaleza ou ponto forte para onde a comunidade poderia recuar se houvesse uma ameaça, mas, novamente, há outras evidências lá que não parecem se encaixar nesse tipo. ideia de uma fortaleza ou qualquer tipo de finalidade militar para o local.

Além disso, durante o período do Novo Testamento, o local de Qumran não era um local estrategicamente importante, a não ser pelo facto de se situar perto da estrada que acompanhava a costa do Mar Morto. No entanto, no período do Antigo Testamento, isto muitas vezes serviria talvez como um posto fronteiriço para o reino de Judá nos seus últimos anos. No século 7 e no início do século 6, a fronteira de Judá ficava ao longo do vale do Jordão, ao longo do Mar Morto e ao norte.

Mais tarde ou mais cedo, aquela não era necessariamente a fronteira, mas nesta altura era, pelo que esta poderia ter sido ocupada nessa altura, durante a monarquia tardia, como posto fronteiriço ou instalação militar. A falta de pergaminhos e fragmentos de pergaminhos no complexo é esperada. No entanto, vários tinteiros atestam atividades de escribas além daquelas de um posto militar de guarnição. Qumran tinha um cemitério um pouco a leste, e 1.200 túmulos foram identificados, e vários foram escavados, mas não foram vítimas de guerra.

Eles aparentemente morreram pacificamente nos túmulos que existiram, nos corpos que foram estudados e examinados. Então, sim, também há problemas com essa interpretação. DeVos, quando escavou Qumran, identificou o que chamou de scriptorium ou centro de manuscritos para a produção de pergaminhos, e esta é uma reconstrução dele aqui.

Novamente foram utilizadas essas mesas e tampos, partes das quais foram identificadas e escavadas; é debatido se eles foram realmente usados nesse sentido. Mais importante, porém, eram esses tinteiros, e alguns deles vieram novamente do mercado de antiguidades. Aqui é de bronze; alguns eram de cerâmica, o que certamente é uma descoberta importante que relaciona o local aos pergaminhos.

Então, infelizmente, novamente, eles não foram necessariamente encontrados in situ, mas vieram do local. Houve muita empolgação quando um óstraco foi encontrado, não um pergaminho, mas um óstraco encontrado no local por James Strange, um arqueólogo da Flórida, e foi estudado por Frank Moore Cross e Esther Eshel e, ironicamente, esta leitura foi contestado por Ada Yardeni, outra epígrafe israelense, mas olhando mais detalhadamente, a escrita não corresponde realmente

às habilidosas mãos dos escribas que vemos nos pergaminhos. Então, novamente, infelizmente não há muita informação que possa ser obtida a partir disso, embora seja uma descoberta importante.

Mencionei antes que quando Deveaux e sua equipe estavam escavando o local de Khirbet Qumran, eles recrutaram a ajuda do beduíno local para ajudar na escavação e fazer o trabalho manual, e assim, quando Deveaux e sua equipe voltavam a Jerusalém para o À noite, o beduíno simplesmente mudou para o turno de balanço e o turno do cemitério e começou a escavar cavernas ao longo do terraço atrás do local. A mais famosa delas foi a caverna número quatro, onde diríamos que o filão principal foi descoberto. A maioria dos pergaminhos foi jogada na caverna quatro, aparentemente de forma aleatória, pouco antes de presumirmos que os romanos entraram ou se aproximaram do local.

E foi só quando 90% da caverna foi escavada ilegalmente, de forma inadequada, que a equipe ou Deveaux e sua equipe perceberam o que estava acontecendo e, portanto, só conseguiram escavar os níveis muito mais baixos da caverna. Mesmo assim, eles conseguiram algumas descobertas valiosas. A maioria dos pergaminhos estava novamente em um estado horrível, fragmentado, com excrementos de morcego e urina, bem como 2.000 anos de poeira.

O teto da caverna continuou a desmoronar e havia vários níveis de detritos acima dos pergaminhos. Mas, novamente, este era o filão de cavernas para os pergaminhos da comunidade. Finalmente, chegamos aos Manuscritos do Mar Morto e a um manuscrito chamado Papiro Nash.

Isto foi descoberto décadas antes dos Manuscritos do Mar Morto em Fayum, no Egito. É a depressão pantanosa a oeste do Vale do Nilo, ligada ao Nilo por um canal chamado Bar Yosef. Existem conexões interessantes com José da Bíblia.

Bem, o nome é muito, muito posterior, então não consigo fazer essa conexão. Mas foi descoberto em 1893 e é uma forma ligeiramente abreviada do Decálogo e do Shemá. Albright escreveu isso e publicou em 1937.

Ele datou isso a partir do texto, das cartas e da ortografia, de cerca de 150 a 100 aC. Até a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, este era considerado o texto bíblico mais antigo. Este texto foi muito importante porque foi usado para comparar com os escritos dos Manuscritos do Mar Morto.

Claro, muito trabalho nisso foi feito por Frank Moore Cross. Eles foram capazes, parcialmente com base neste Papiro Nash anterior, de reconhecer a datação destes textos dos Manuscritos do Mar Morto, que seriam contemporâneos do Papiro Nash ou talvez até anteriores. Muito obrigado.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre arqueologia bíblica. Esta é a sessão 24, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 2.